

# Neoconcretismo

A análise sumaria das idéias expandidas no manifesto publicado para a 1.ª exposição neoconcreta que se está realizando no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, demonstra que o neoconcretismo bate para a retaguarda. Do extremismo em que se alinhavam neoplasticismo, construtivismo, suprematismo, Escola de Ulm, citadas tais correntes nessa ordem, no texto do manifesto, este denuncia a arte concreta "levada a uma perigosa exacerbação racionalista". Portanto, o neoconcretismo se vê na contingência de "rever as posições teóricas adotadas até aqui em face da arte concreta", pois as experiências dos expositores demonstram que suas possibilidades expressivas" ultrapassam aquelas posições teóricas.

A necessidade de revisão, que sentem Amilcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim, Theon Spanúdis, que assinam o manifesto da exposição, é bem justificável, porque se dá em nome de princípios que nos parece melhor informarem qualquer atividade artística. Assim, por exemplo, quando dizem propor uma "reinterpretação do neoplasticismo, do construtivismo e dos demais movimentos afins, na base de suas conquistas de expressão e dando prevalência à obra sobre a teoria", estão certos os autores do manifesto, porque efetivamente não pode ser doutra maneira. O que se deve é assinalar que houve uma relativa demora deles em perceber, por exemplo, que "Malevitch, por ter teconhecido o primado da pura sensibilidade na arte, salvou as suas

definições teóricas das limitações do racionalismo e do mecanicismo., dando à sua pintura uma dimensão transcendente que lhe garante hoje uma notável atualidade".

Portanto, fica bem aos autores do manifesto dar a sua conclusão: "O neoconcreto, nascido de uma necessidade de exprimir a complexa realidade do homem moderno dentro da linguagem estrutural da nova plastica, nega a validade das atitudes cientificistas e positivistas em arte e repõe o problema da expressão, incorporando as novas dimensões "verbais" criadas pela arte não-figurativa".

Partem pois os concretistas neos para uma obra de arte que não seja "maquina" nem "objeto", "mas como um quasi-corpus, isto é um ser cuja realidade não se esgota nas relações exteriores de seus elementos; um ser que, decomponível em partes pela análise, só se dá plenamente à abordagem direta, fenomenológica".

O neoconcretismo ensaia, portanto, o primeiro passo para sair do beco sem saída em que se metera o concretismo, e pede recursos à expressão e à vida, chegando até a honestidade de atacar a critica, na inversão dos papeis que temos denunciado: "A influencia da tecnologia e da ciencia também aqui se manifestou, a ponto de hoje, invertendo-se os papeis, certos artistas, ofuscados por essa terminologia (a da critica de arte), tentarem fazer arte partindo dessas noções objetivas (as da tecnologia e da ciencia), para aplicá-las como metodo criativo".

O apriorismo teórico sai assim esfarrapado do manifesto, e os seus signatarios nos parecem, mais do que nunca, sem qualquer malícia de nossa parte, no caminho certo. Resta agora que eles, consequentemente produzam arte, fora do mecanicismo e do geometrismo, na experiencia do real, no novo "espaço expressivo" em que se funda. Esperamos essas consequências para voltar ao assunto, que nos interessa, sinceramente.

1574-59

O ESTADO DE SÃO PAULO